

Guedes diz que é "impossível" Brasil ter 33 milhões de pessoas passando fome

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Ministro disse que "o consumo dos mais frágeis está garantido com os programas de transferência de renda". O ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou nesta quarta-feira que considera impossível que existam 33 milhões de pessoas passando fome no Brasil. Em evento em São Paulo, colocou em dúvida dados de ONGs que indicam o aumento da insegurança alimentar no país: Pesquisa: Desemprego, inflação e dívidas afetam mais os nordestinos; Veja onde o índice de miséria é pior O Brasil passa fome? Entenda os critérios que apontam 33 milhões de brasileiros em insegurança alimentar – O consumo dos mais frágeis está garantido com os programas de transferência de renda. Por isso, é impossível ter 33 milhões de pessoas passando fome porque eles estão recebendo três vezes mais do recebiam antes, mesmo com a alta da inflação, o índice de preços não multiplicou por três. O poder de compra está mais do que preservado com essa transferência de renda – disse o ministro ao participar de um evento da Federação da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), em São Paulo. A fome que assombra o Rio: veja a saga diária de pessoas por uma refeição 1 de 12 Denise da Silva busca comida nos restos deixados no lixo da Ceasa — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 2 de 12 Dona Juraci da Silva, 73 anos, come uma quentinha doada pela igreja. A idosa mora em um barraco às margens da linha verde, em Acari. — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 12 fotos 3 de 12 No Estado do Rio, o número de pessoas que não têm o que comer aumentou 400% nos últimos quatro anos — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 4 de 12 À caça de restos: pessoas buscam alimentos que ainda possam ser consumidos em meio ao descarte do Ceasa, em Irajá — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 5 de 12 Mulheres reviram as sobras na Ceasa — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 6 de 12 Estudo da FGV Social sobre a insegurança alimentar no Brasil aponta a "feminização" da fome. Entre 2019 e 2021, aumentou de 33% para 47% a parcela das mulheres no país que não tiveram dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento. — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 7 de 12 Na montanha de lixo vindo da Ceasa, em Irajá, pessoas em situação de insegurança alimentar buscam o que comer — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 8 de 12 Morador de rua espera por restos de comida que clientes de um restaurante, na Cinelândia, poderão deixar: a falta de comida faz parte do cotidiano de 15,9% da população fluminense — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 9 de 12 Fome: Juraci da Silva, 73 anos, comendo quentinha doada pela igreja, ela mora em um cubículo às margens da linha verde em Acari — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 10 de 12 Flávio Paulo, com seus três filhos, ganha a vida vendendo pipoca e doces na Avenida Presidente Vargas. "Prefiro trazer as crianças para ficar perto de mim, assim protejo mais elas" — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 11 de 12 Garimpo da fome no Ceasa de Irajá; cada alimento encontrado é um sentimento de "vitória" — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 12 de 12 Em setembro do ano passado, imagem que já traduzia a luta para tentar driblar a fome: em busca de algum alimento, pessoas recolhiam ossos e pelancas descartadas de supermercados na Glória, Zona Sul do Rio — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade Guedes, no entanto, não apresentou quais dados seriam verdadeiros na sua avaliação. Ele justificou que o consumo dos mais vulneráveis está mantido porque os programas sociais pagam três vezes mais do que os governos anteriores e que, apesar da alta da inflação, o aumento no índice de preços foi menor.



1 de 1 Diante do desemprego e da inflação galopante, pelanca vira esperança de alimento para famílias que buscam com o que matar a fome Domingos Peixoto / Agência O Globo